

**ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA PRÁTICA ESCOLAR:
UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO**

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias (UFPA)
kissfarias@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho foi pensado a partir de uma abordagem literária fenomenológica inspirada em H. R. Jauss, onde expõe suas reflexões acerca do ensino da literatura. Ao ser introduzida no Brasil na década de 70, a estética da recepção traz consigo novas possibilidades de potencializar a leitura. O interesse, agora, era como a obra toca o leitor, o que o leitor entende sobre a mesma, e não somente a óptica do autor com alguma colocação feita. Propõe-se um trabalho onde haja interação do aluno com o texto, onde o texto trabalhado possa se relacionar com os desejos, e provocar outros, desses leitores e a partir das leituras possam construir sentidos próprios de suas vivências, sejam elas do agora, ou buscadas pela memória. O trabalho foi realizado com turmas de terceiro ano do ensino médio, a partir do texto “Banho de Cheiro”, retirado do livro *Aruanda* da autora paraense, Eneida de Moraes.

Palavras-chave: Estética da recepção. Literatura amazônica. Ensino

1. Um estudo sobre a estética da recepção

É mais certo que se deixem seduzir pela ideia de que os significados de um texto não estão encerrados nele como o dente de siso está na gengiva, esperando paciente pela sua extração, mas sim que o leitor tem algum papel ativo nesse processo. (EAGLETON)

De um modo geral, no que diz respeito à literatura, toda mudança é passível de críticas, e muito mais quando essas mudanças ameaçam a abalar a zona de conforto, onde os cânones se colocam. Vamos aqui lembrar, brevemente, os momentos que marcaram para que chegássemos a teoria da recepção. Nas duas primeiras décadas do século XX, a Europa passava por sua pior crise, o pós-guerra, em que foi tomada por revoluções, turbulências nas políticas, nos ideais e culturas, e até a ciência foi afetada na qual não enxergavam nada além da bipartida posição entre filosofia positivista de um lado e subjetiva de outro deixando sérias consequências de referências.

É nesse momento de fraqueza ideológica que Edmund Husserl, filósofo alemão tentou resolver, a partir da filosofia, os problemas sociais

que não paravam de crescer. Husserl criou a filosofia chamada *redução fenomenológica* a qual explica que só devemos absorver o que está na consciência, como podemos ver em Eagleton (2006, p. 85) “Tudo que não seja *imane*nte à consciência deve ser rigorosamente excluído; todas as realidades devem ser tratadas como puros *fenômenos*”. Husserl inseriu essa filosofia na literatura, no entanto ele recebe fortes críticas ao deixar alheios o autor, o meio de produção e o ato da leitura, diz que a leitura deverá ser completamente “imanente” imune a qualquer fator que esteja externo.

Muitas águas rolaram até chegarmos a Heidegger (ano), que coloca o homem não como um sujeito dominador e sim estabelece que a relação com o mundo, é uma relação de diálogo, onde o ouvir tem mais valor do que falar. Heidegger ao urdir seu pensamento filosófico o nomeia de “Hermenêutica do Ser”, sendo a hermenêutica tomada como ciência na arte da interpretação, aqui a verdade do mundo se manifesta.

Para Heidegger, a hermenêutica foi inspirada em outros pensadores alemães Schleiermacher Dilthey e estes inspirados no célebre filósofo alemão Hans Gadamer, o qual colocou sérias questões para a literatura, como os questionamentos: qual o sentido de um texto literário? Que relevância tem esse sentido para o autor? É possível termos entendimentos objetivos sem ter relação com a nossa situação histórica? Buscando-se muito no passado e nas Escrituras, nessa teoria hermenêutica o fato de buscar ressignificações da obra, que se pareça com que o autor “quis dizer”, isso não nos garante que os textos não podem ter outras significações. Entre as manifestações da hermenêutica, a mais recente, surgida na Alemanha, ficou conhecida “estética da recepção”, e, diferente de Gadamer, não tem como base obras puramente do passado. A teoria da recepção se preocupa com o papel do leitor na literatura. Historicamente, o leitor sempre foi o mais desprivilegiado na tríade: autor, obra e leitor.

Ao falarmos sobre a estética da recepção, não podemos deixar de citar Hans Robert Jauss (1921/1997), professor alemão que começou a incomodar, a partir de seu descontentamento com cânone literário, com suas inquietações em relação ao papel do leitor. Jauss queria que fossem levados em conta os efeitos que as obras literárias faziam aos leitores, a partir do contato com a obra. Com esses ideais, formula um novo conceito de leitor, ausente até então, na história da literatura. Nesse sentido, Jauss (2004) nos coloca que a teoria

... recupera a história como base do conhecimento do texto; e, igual ao outro, pesquisa seu caminho por uma via que permite trazer de volta o intérprete ou

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

o leitor, sua defesa predileta na luta intelectual contra as correntes ideológicas indesejadas. (JAUSS, *apud* ZILBERMAN, 2004, p. 12)

Os estudos de Jauss foram possíveis, devido aos descontentamentos políticos e intelectuais que estavam ocorrendo na Alemanha, na década de 60, entre os estudantes que pediam uma reformulação no currículo das universidades, indo de encontro aos interesses dos professores tradicionais. Então, o crítico, como docente da Universidade de Constança, percebeu o impacto dessas mudanças políticas e culturais dentro da Universidade, em relação ao ensino da literatura e, no seu primeiro dia de aula, provocou logo reflexões com a pergunta: o que é e com que fim se estuda literatura? Ele instiga a plateia fazendo críticas à literatura, a partir de então dá novos ares e olhares à literatura.

A crítica que Jauss faz é para a escola marxista e formalista, a primeira estuda a literatura como fator social a segunda vê a obra como pronta e acabada, não fazendo relação com nenhum outro aspecto externo muito menos com a própria história da mesma. Com o surgimento da estética da recepção o enfoque direciona-se ao Leitor, e a partir daí inúmeras leituras, embates, trabalhos, são escritos com o intuito de minimizar o que por muito tempo deixou-se às margens das discussões. O autor muda os direcionamentos dos paradigmas colocados pelos estudos literários, o sujeito histórico parecia mudar de acordo com a história que também muda. Jauss, então, foca o leitor/receptor em uma leitura e não somente o texto e seu autor. A partir da reformulação da história da literatura o autor divide o seu projeto em sete tese (ZILBERMAN, 2004, p. 33), as quais serão colocadas sucintamente aqui.

A primeira trata da relação dialógica entre o leitor e o texto como ponto principal da história da literatura a qual traz possibilidades de atualizações da obra por meio da leitura a qual lhe dá vida e apresenta-se mutável e alheia ao tempo. Na segunda ele toma a experiência literária do leitor para efetivar a atualização. O estudo dessa experiência está voltado para a *recepção e o efeito*, decorre do conhecimento que já se tem sobre o gênero, formas e temas conhecidos anteriormente. A terceira tese nos apresenta a constituição do horizonte, o pesquisador acredita que o valor depende de como a percepção estética que uma obra acontece e o que a obra é capaz de suscitar. A quarta é a mais imbricada com a hermenêutica, e procura examinar melhor as relações do texto com a época em que surgiu.

As quatro primeiras teses são as mais importantes e Jauss continua investigar a literatura, agora em três aspectos: diacrônico que mostra

a recepção das obras no decorrer do tempo; sincrônico ao mostrar as relações da literatura em uma determinada época; e, por fim, o relacionamento da literatura com a vida prática. Assim, na quinta tese reflete que o valor de uma obra independe do período em que surge, pois quase sempre sua importância cresce ou mesmo diminui, é necessário situar uma obra na “sucessão histórica”, levar em conta a experiência literária que propiciou, é a história dos efeitos. Para a sexta tese o autor procede à análise do simultâneo e das mudanças, evoca assim o “processo da evolução literária” na formação e rupturas. E, por último, observa a relação da literatura com a sociedade, coloca qual a verdadeira função da literatura na sociedade, deixa de lado o pensamento marxista e conclui que o comportamento social do indivíduo é concebido pela literatura quando essa pré-forma no leitor uma compreensão de mundo a novas percepções do seu universo.

Sabemos que, mesmo depois de tantos trabalhos, tese, investigações, os trabalhos de Jauss junto com outros pensadores, como o de Wolfgang Iser (1926/2007), seu discípulo, não mexeram as estruturas como ele achou que deveriam, na época, mas mostrou que o sistema não explica tudo, como nos explica Zilberman (2004, p. 12):

A noção de que os sistemas não explicam tudo, portanto, de que o novo pode emergir de lugares inesperados, exigindo que se esteja não só atento para a novidade, mas que se mantenham os sentidos em forma para perceber, compreender e interpretar da melhor maneira possível sua ocorrência.

Os trabalhos do estudioso alemão foram introduzidos em vários países, reverberaram inclusive no Brasil, por Luiz Costa Lima, em *A Literatura e o Leitor*: textos de estética e da recepção, e Regina Zilberman, em *Estética da Recepção e História da Literatura*. Um dos objetivos do estudo é o leitor como parte do processo literário, considerar os fatores que interferem na leitura, como gostos, tempo, história, impossíveis de retirar de alguém no ato de uma leitura. O tempo a ser discutido é sempre atual, desta forma uma mesma obra vai sendo ao longo do tempo interpretada de várias maneiras. O leitor a todo tempo precisa ser motivado para que consiga fazer as suas próprias leituras, independente do autor, para que assim possa clarear seus próprios pensamentos, conforme diz Jauss: “Se esclarece a própria pré-compreensão, que condiciona o horizonte de interpretação do crítico”.

Há uma relação dialógica entre a obra e o seu receptor, aquela quando está aberta às adaptações do seu tempo e este quando sabe seus limites. Zilberman (2004) considera que

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

A possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém como as leituras diferem de cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo. (ZILBERMAN, 2004, p. 33)

Nos dias atuais, ainda temos uma forte escassez nos estudos, em especial no Brasil, trabalhos sobre o papel do leitor. No entanto, mesmo com poucas pesquisas, percebem-se as possíveis contribuições da estética da recepção para o ensino da literatura por meio de metodologias que ajudam o leitor a se tornar parte do processo de ensino-aprendizagem, especialmente, aqui.

Quando em 1979, Luis Carlos Lima organizou, e lançou uma coletânea absorvendo ensaios escritos por importantes membros da Escola de Constança, aconteceram, coetaneamente, outras publicações, de outras tendências teóricas as quais aumentaram as diversificações nas investigações. Nesse período, o Brasil passa por fortes discussões sobre suas teorias pedagógicas, sobre a leitura nas escolas e o resultado que ela deve ter nos alunos, partindo da sua interação escola e conhecimento de vida para que a leitura torne esse indivíduo efetivamente participativo de uma sociedade, desse modo, o ensino brasileiro precisava urgentemente respirar novos ares.

Lei assume hoje um significado um significado tanto literal, sendo, nesse caso, um problema da escola, quanto metafórico, envolvendo a sociedade que busca encontrar sua identidade pesquisando as manifestações da cultura. Sob este duplo enfoque, uma teoria que reflete sobre o leitor, a experiência estética, as possibilidades de interpretação, e, paralelamente, suas repercussões no ensino e no meio talvez tenha o que transmitir ao estudioso, alagando o alcance de suas investigações. (ZILBERMAN, 2004, p. 6)

Nesse sentido, o trabalho aqui pensado, norteou-se na perspectiva recepcionista, haja vista que a experiência com o leitor nas escolas, ainda, é muito tecnicista, obedecendo a roteiros que já vem pronto nos livros didáticos, onde não deixam o aluno ir além da denotação.

2. *Literatura de expressão amazônica. Por que não?*

“A arte é contrária ao isolamento geográfico”.
(Afrânio Coutinho)

A história da literatura amazônica não foi e não é diferente da história da literatura brasileira, e nem se quisera ser, pois essa é inserida naquela. Mesmo assim, a sua construção no decorrer do tempo foi cheia de atropelos, mas não menos merecedora de estudos, pesquisas sobre suas

obras e representantes. Em relação à Amazônia, temos muitos fatores históricos e territoriais que nos forcem a vê-la como um lugar distante de outros, com riquezas exploradas por poucos e esquecidas pelos poderes públicos, concepção que aumenta mais a má impressão que os forasteiros têm desse povo hospitaleiro que somos. Insiro-me nesse contexto, faço parte inteiramente dele, e me contraponho àqueles que nos enxergam como um povo exótico.

Algumas discussões sobre as nomeações da literatura produzida aqui são discutidas por alguns autores paraenses, em relação a maneira de se colocar diante do fato ao falarmos de uma literatura paraense ou de uma literatura da Amazônia. Nunes, no ensaio *literatura paraense existe?* afirma que “a expressão literatura paraense, além de ser acanhada demais, fere a universalidade, princípio básico a qualquer manifestação que se deseja artístico”, e que a literatura de autores que nasceram no Pará não pode deixar de designar apenas como “exótica, regional, incapaz de difundir sentimentos universais”. O pensamento de Nunes vai de encontro aos de Pantoja, que diz que não se deve em “nome de uma universalização suprimir o regional”. Em relação à discussão sobre as posições dos dois estudiosos, concordo e trago algumas palavras de Fernandes (2004)

Chego à conclusão que o impasse não é se uma dada literatura tem caráter regional ou não, mas saber se o narrador ou enunciador constrói sua descrição do espaço a partir de uma percepção individual criadora, mesmo a despeito de uma realidade aparentemente única, de um espaço comum. Aí a apreensão depende do horizonte de expectativas do observador, de sua educação cognitiva e experiência como vivente de dado espaço, porque a percepção é um processo seletivo a partir de nossas vivências: a paisagem é memória e esquecimento! Considerando o narrador ou enunciador – aquele que também conduz o nosso olhar pela região mediante a leitura – posso afirmar que uma literatura localista não é a que obrigatoriamente é escrita por quem nasceu na região, mas toda aquela em que o local é descortinado como reflexo do universal, como a especificidade de uma região tratada na dinâmica do Mundo, e, não esqueça através da “pena” (dupla pena) de uma voz crítica e criativa, que não sofre pressões e nem força a barra para aparentar ser mais... “original”. (FERNANDES, 2004, p. 115)

Acredito que discussões devem ser colocadas para não ficarmos em marasmos de pensamentos e aceitar tudo que nos é colocado, nosso papel é refletirmos. Entretanto, temos que ter um olhar mais atento ao que concerne a recepção dessas obras, se estas chegam de fato a quem lhes interessa: os leitores. E a partir disso me pergunto: será que os próprios amazônidas tem a oportunidade de entrar em contato com essa literatura? Como ela é inserida e em que situação? Qual a oportunidade que dou ao meu aluno de conhecê-la?

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Com o propósito de levar a literatura amazônica a um maior conhecimento de muitos, o projeto CUMA – Culturas e Memórias da Amazônia, orientado pela professora Josebel Fares, desde 2007, desenvolve ações referente à recepção poética. Consiste em um programa de recepção de leitura e absorve projetos de iniciação científica concluídos, que tem como público prioritário alunos de ensino médio, e projetos de extensão que atendem professores do Ensino Fundamental e idosos e é desenvolvido por professores e alunos da graduação em letras da Universidade Estadual do Pará (UEPA).

Com esse objetivo muitos trabalhos foram realizados, sendo dignos de serem citados:

- 1- *Literatura: Recepção das Poéticas Amazônicas: A experiência de leitura foi desenvolvida com estudantes de ensino médio e de licenciatura em letras da UEPA;*
- 2- *Literatura: Recepção, Memória e Imagens de Escola: As oficinas de leitura foram realizadas na Escola de Ensino Fundamental e Médio Vera Simplício (Polo de pesquisa da UEPA), em uma turma do 7º ano do ensino fundamental, em duas etapas;*
- 3- *Memórias da Literatura de Cordel: Recepção e Ensino: A experiência foi realizada em uma turma do 2º ano do ensino médio, de uma escola da rede estadual de ensino do município de Belém, localizada na periferia da cidade;*
- 4- *Lúcia, Lindanor e Eneida: Memória, Recepção e Leitura: A proposta é promover um processo de formação de leitores, tendo como público alvo alunos da escola estadual de ensino fundamental e médio Raimundo Viana; Símbolos Culturais na Literatura Amazônica;*
- 5- *A pesquisa investiga a representação de símbolos – signos textuais que denotam os ícones culturais amazônicos, mais especificamente um dos mais importantes da cidade de Belém, o mercado do Ver-O-Peso;*
- 6- *Faustino, Barata e Plínio: Educação e Recepção da Poesia Amazônica: A pesquisa envolveu a recepção de leituras apresentadas aos alunos da turma C41303/Ciclo4/1º ano da escola municipal de educação infantil e ensino fundamental República de Portugal.*

Projetos como esse nascem a partir inquietações de profissionais com as ausências de investimentos e apoio das autoridades políticas, de

um mínimo reduzido de editoras locais, da falta de apoio aos escritores, enfim, os obstáculos se forem enumerados aqui serão muitos. Esta ação do grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas, da Universidade Estadual do Pará, é uma proposta de contribuição para mudança da situação apontada. Assim, o, então, projeto de iniciação científica “Literatura: recepção das poéticas amazônicas” surge a partir da necessidade de romper duas barreiras muito fortes na área literária. A primeira refere-se ao leitor, que desde o surgimento da crítica literária em sua maioria, era deixado de lado, e, felizmente, começa a ser recuperado pela estética da recepção, que considera, conforme o nome já indica, a experiência estética do receptor. O segundo entrave diz respeito ao desconhecimento e ao desprestígio da literatura de expressão amazônica, tanto em nível regional quanto em nível nacional, e a certeza da qualidade estética dessa produção feita de grandes autores e grandes obras e da necessidade de valorização. (FARES, 2012, p. 15)

Entre tantos autores da nossa literatura, citamos alguns: Dalcídio Jurandir (1909/1979) Lindanor Celina (1917/2003), Max Martins, (1926/2009), Adalcinda Camarão (1920/2005), Antônio Távernard (1908/ 1936), Benedicto Wilfred Monteiro (1924/2008), Bruno de Menezes (1883/1963), Edyr de Paiva Proença (1920/1998), Rodrigues Pinagé (1895/1973), Ruy Barata (1920/1990), Waldemar Henrique da Costa Pereira (1905/1995), João de Jesus Paes Loureiro (1939), José Ildone Favacho Soeiro (1942), Age de Carvalho (1958), Antônio Juraci Siqueira (1948) , Vicente Franz Cecim (1946), sem deixar de destacar a grande escritora Eneida de Moraes (1903/1971).

Dentre tantos autores de nível apresentados acima, o trabalho de recepção com os alunos, foi feito a partir da autora Eneida de Moraes, com o texto “Banho de Cheiro”, retirado do livro, *Aruanda*.

3. A autora: Eneida de Moraes

Eneida de Moraes (1903-1971) destacou-se como importante cronista paraense ao rememorar, em muitas delas, suas experiências vivenciadas na infância. Suas memórias se intercalam com as experiências vividas, já adulta, como podemos perceber na obra, aqui escolhida, “Banho de Cheiro”, onde a autora traz o sentido da audição para que o leitor sinta a diferença das suas emoções e decepções.

Naquele tempo não havia, como hoje, bombas e morteiros trágicos, violentos, barulhentos, que tornam nesta cidade chamada Distrito Federal – então

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

minha amada – o mês de junho um mês de guerra. No meu tempo de menina os fogos eram líricos, e a todos em conjuntos chamávamos foguetinhos.

Eneida viveu em um período onde a voz feminina era muito abafada, e por isso foi conduzida ao discurso de igualdade, seja de gênero, ou de classe, tornando-se ativista do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fora presa por várias vezes, e dessas prisões surgiram muitas reflexões sobre o momento delicado pelo qual o país passava.

A narrativa de Eneida é transparente e atinge o leitor em cheio. Ora amena, ora pungente, a autora consegue, muitas vezes, fazer de seu texto um instrumento de denúncia. Foi uma escritora essencialmente memorialista, rememorou em suas crônicas, as ruas, os costumes o povo de uma antiga Belém do Grão-Pará

(...) O fato de a autora buscar no passado os elementos de sua literatura, faz com seu texto, sobressaia uma Belém distanciada da vida urbana, tumultuada e, não raras vezes antagônicas, que hoje presenciamos na capital paraense. Belém, onde os santos já não são mais festejados e as festas populares perderam grande parte do seu original fascínio. Mas a autora fala de um tempo em que as seduções existiam: “perdoa-me se gosto tanto de ressuscitar meu passado”, desculpa-se numa das passagens de “Banho de Cheiro” (FARES, NUNES, VINAS, 1992).

A Belém de Eneida, não é mais a mesma, mas muitas cidades do Pará, ainda vivem como antes, e ao lermos suas memórias, pensamos no presente vivido, nas cidades nostálgicas, onde, a impressão que temos, é que o “progresso” nunca chegará no local. O texto aqui escolhido foi “Banho de Cheiro”, como um dos textos para fazer parte da experiência a partir estética da recepção, participaram alunos do 3º ano do ensino médio, com o objetivo de mostrar-lhe autores amazônicos. Não posso deixar de dizer que foi um trabalho gratificante, a aceitação da autora pelos alunos foi muito boa, em especial porque a história narrada no texto escolhido faz parte da vida de muitos deles, uma vez que na cidade é comemorado a festa do Padroeiro São João Batista, a maior festa religiosa de Curalinho.

4. *A obra: “Banho de Cheiro”*

Sabemos que a escolha da obra a ser trabalhada em sala de aula é um passo importante, e, de acordo com isso, ao optarmos pela literatura amazônica, estamos coerentes com o objetivo aqui proposto, pois, como profissionais, sabemos de nossa obrigação em cumprirmos um currículo já escolhido por outros, ratificando assim, a necessidade de diversificar

gêneros utilizando tanto gêneros tradicionais quanto os novos gêneros , que emergem a todo instante, fortalecendo assim, esse trabalho, haja vista, que não existe em nosso currículo atual, propostas de trabalhos com essa literatura, Esperamos que os nossos leitores, se deleitem a partir do texto, participando como leitor ,de fato, por meios das suas colocações e conhecimentos de mundo:

O leitor investe no texto a partir de sua experiência de mundo e da literatura e se afigura o universo ficcional com imagens mentais que lhe são próprias.ao mesmo tempo a incompletude do texto suscita no leitor uma forte atividade inferencial: inferências lógicas, resultantes do sistema linguístico, inferências pragmáticas que convocam os saberes enciclopédicos –ambas são automáticas – e abduções que requerem relações cujo resultados permanecem marcados pela incerteza. São essas últimas que oferecem a possibilidade de ricos debates interpretativos em classe. (ROUXEL, 2013, p. 25)

Banho de Cheiro

De Santo Antônio, não sou íntima, tampouco de São Pedro. Remexendo lembranças, acendo o passado, não os encontro impressos ou esboçados em nenhuma fase de minha via.

De Santo Antônio sempre ouvi falar maravilhas em matéria de amor: fez casamentos que pareciam irrealizáveis, uniu lares desfeitos, alimentou sonhos, esperanças, desejos, ambições sentimentais. Emprego os verbos no passado, se bem que saiba que o santo português que é que é tenente-coronel, do Exército Brasileiro – continua, hoje, como ontem, em sua bela faina da pró-satisfatoriamente. A Santo Antônio nunca solicitei favores; nunca sei pedir nada para mim mesma a ninguém, nem mesmo a meus melhores amigos. Consegui, nos momentos precisos, resolver sozinha meus romances. Hoje dele nada mais espero, desejo ou quero.

De São Pedro quase nada sei, a não ser que guarda as chaves do céu, lugar que com certeza jamais conhecerei.

Mas como São João o caso muda inteiramente de figura; São João é personagem de minha infância; de São João já sou velha e dedicada amiga.

Aprendi a amá-lo muito cedo. Creio que ele deve ter sido um dos primeiros amores de minha vida, e ora contarei porque São João e eu somos tão íntimos: em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, há uma prática extremamente bela e perfumada, que se chama banho de cheiro ou banho de felicidade. Quereis aprender a fazê-lo? A receita é simples, e transmitindo-a, cumpro um dever, pois de coração vos desejo, a todos, muitas felicidades.

Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água jogai folhas, raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas – verdes pela juventude ou amareladas pela velhice – darão, depois de fervidas, um líquido esverdeado, com estranho perfume de mata virgem.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

Perdoai se os nomes dessas ervas parecem selvagens aos vossos ouvidos habituados aos caros, raros e belos perfumes franceses, cujos rótulos lembram romances e poemas. Nossos aromas, primitivos, agrestes, são frutos da flores-ta e, com eles, naturalmente nossos avós índios também se perfumavam; se não recendiam aquele odor é porque – sabeis—os índios têm cheiro de terra.

Eis as plantas necessárias ao banho da felicidade: catinga-de-mulata, man-jerona, bergamota, pataqueira, priprioça, cipó cantiga, arruda, cipoíra, bauni-lha (só uma fava) e corrente. Deixai ferver e ferver muito. Depois – ah depois – deixai esfriar e está pronto o vosso banho de São João, que deve ser tomado à meia-noite de 23 de junho para abrir as portas de todas as aventuras. São Jo-ão ajudará.

Manhã cedo, no meu tempo de menina – perdoai se gosto se gosto tanto de ressuscitar meu passado – nas vésperas de São João, a cidade amanhecia festiva, com a correria de homens carregando à cabeça tabuleiros cheios das ervas felicidade. Seus pregões embalavam as mangueiras que arborizavam as praças pregões embalavam as mangueiras que arborizavam as praças e ruas de Belém de meu tempo.

– Cheiro cheiroso! (A pronúncia local: chêro chêroso.)

Eram muitos, muitos; janelas e portas se abriram em todas as casas. Quem deixava de comprar seu banho para aquela noite? Nos fogões e nas fogueiras – as mesmas que iriam iluminar a noite do santo –, a grande lata fervendo. São João ia chegar encontrando nossos corpos perfumados, prontos nossos cora-ções para a felicidade. No cabelo das curibocas, jasmims e maçãs de patchulli recendiam.

Na casa de meu pai, meninos, brincávamos com balões, soltávamos estre-linhas, em pontas de varas para não queimarmos as roupas, lançávamos para o ar as pistolas. Naquele tempo não havia, como hoje, bombas e morteiros trágicos, violentos, barulhentos, que tornam nesta cidade chamada Distrito Federal – então minha amada – o mês de junho um mês de guerra.

No meu tempo de menina os fogos eram líricos, e a todos em conjuntos chamávamos foguetinhos.

Os foguetinhos: as estrelinhas saindo daquele bastonete, tão bonitas, tão claras enquanto gritávamos: “minhas estrelas são as mais bonitas! Tenho mais estrelas do que tu!” Cada bola de cor que nascia de uma pistola era u grito de alegria. Naquele momento não compreendíamos por que havia pistolas se ne-gando a soltar bolas de cor; não sabíamos ainda da existência de pessoas e fo-guetinhos que jamais realizam seus destinos.

Alto, muito alto, subia a língua vermelha das fogueiras. Tínhamos o direi-to de, naquela noite aquele – rara noite – dormi mais tarde, porque no dia de São João nascera meu pai e, à meia noite, mesmo com a mesa cheia de iguari-as, mesmo que ela estivesse coberta de cristais, no quintal corria, em cuias pretas, o manguzá.

Armavam-se ou aproveitavam-se as fogueiras que haviam servido para ferver o banho da felicidade. Soltávamos gritando: “São João disse, São Pedro confirmou que havemos de ser compadres que Jesus Cristo mandou”. Podia-

mos ser compadres e comadres, primos, noivos, tudo que escolhêssemos em parentesco, porque o dom das fogueiras juninas é crias e ampliar novas famílias, formar laços até então inexistentes.

Somos muito amigos, por tudo isso, São João e eu. Nunca houve na minha infância o raiar de um dia de 24 de junho sem que minha família tivesse sido aumentada; à sombra da fogueira onde corria o manguzá, muitas vezes madrinha fui; meus primos se tornaram multidão.

– Irmã, não. De irmã não pulo com ninguém. Irmã só mesmo de meus irmãos! (Tolices de menina, perdoai. Só depois aprendi, com orgulho e alegria, a grande quantidade de irmãos que tenho espalhados pelo mundo).

5. *Locus do trabalho*

O trabalho em questão é o reflexo de encontros com alunos que moram em Currallinho, no contexto da ilha do Marajó (PA) – situada no nordeste do Estado do Pará, na chamada zona fisiográfica do Marajó e Ilhas. A Ilha do Marajó – com uma área de 40.100 km², é considerada a maior ilha flúvio-marinha do mundo – que constitui com outras menores o arquipélago do Marajó, situado no estado do Pará, e cercado pelos rios Amazonas e Tocantins, bem como pelo Oceano Atlântico. Sabe-se que com a chegada dos portugueses foi criado o Baronato da Ilha Grande de Joanes, como então era conhecida a ilha, que estava dividido em 13 distritos, um desses é hoje a cidade de Currallinho.

Primeiramente, a área do município fora uma fazenda particular, cujos proprietários dispunham de muitas relações comerciais na região. Naquela época, o lugar constituía-se num porto de parada obrigatória das embarcações e dos regatões que subiam e desciam o rio, realizando o comércio junto as comunidades existentes ao longo dos cursos de água. Pela sua localização e, também, devido a grandes propriedades, pessoas ligadas aos proprietários para lá se dirigiram, e com autorização, fixavam suas moradas. Em pouco tempo formava-se um núcleo populacional de relativa expressão. Com isso, a localidade prosperou, e em 1850, adquiriu a categoria de freguesia sob a denominação de São João Batista de Currallinho, constituindo-se no município de Currallinho alguns anos mais tarde. O lugar acolheu, também, muitos aventureiros - portugueses, italianos, turcos, japoneses, cearenses, entre outros - que vinham em busca de riquezas, fixando residência e negócios que contribuíram para tornar o local mais populoso.

A principal via de entrada e de saída dos moradores, visitantes e vendedores na cidade ocorre através do rio Pará ou Guajará. Quando a

cidade é vista de longe, a partir de um barco que navega, um tempo nostálgico nos toma os sentidos, principalmente se nos debruçamos sobre o batente do barco e ficamos a admirar – um tempo sensível de devaneio - observando aquela paisagem que se conecta: céu, terra e rio, juntos, parecem dar as boas-vindas ao navegante.

Os alunos participantes da pesquisa estudam na escola estadual de ensino fundamental e médio “Prado Lopes”. Ela foi criada no ano de 1935, de 26 de fevereiro de 1935, assinado pelo governador do Pará José C. da Gama Malcher, para funcionar o curso primário integral (de 1ª a 5ª série). E a partir de 08 de março de 2005 é autorizada a implantação do ensino médio regular. Hoje, ano letivo de 2014, é a escola estadual de ensino fundamental e médio “Prado Lopes”.

Considerada escola de grande porte, com 1.669 alunos regularmente matriculados distribuídos em três turnos: Manhã, tarde e noite nas seguintes modalidades de ensino: educação especial; ensino fundamental regular do 1º ao 9º ano/séries, ensino fundamental supletivo de 3ª a 4ª etapa e ensino médio regular de 1ª a 3ª série e ensino médio modular através do grupo especial de ensino médio (GEEM), funcionando nas localidades Vila Calheira, Vila Jerusalém, Central do Aramaquiri e Vila Recreio do Piriá 1ª, 2ª e 3ª séries. Com seu corpo docente composto por 43 professores, corpo administrativos, um diretor uma vice-diretora, uma secretaria 06 agentes administrativos e 05 técnicos em gestão escolar. Corpo de apoio operacional está composto por 15 servidores.

A escola está situada na Av. Jarbas Passarinho na cidade de Curralinho, às margens do Rio Pará.

6. Os leitores participantes

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas tivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não eu. (Paulo Freire)

O ser humano, desde o momento em que é concebido, passa por processos naturais, e vai amadurecendo de acordo com suas mais diversas etapas, processos. Os sujeitos, de acordo com essas etapas, se adaptam ao que lhe é pedido. Em relação à vida escolar, o aluno deve ir se familiarizando a várias situações em que é inserido, e a leitura é uma delas. A leitura é muito importante para compreensão de mundo, prazer e

fruição, para isso muitos métodos são discutidos. No que se refere à educação, pensa-se no material a ser selecionado, o papel da escola, do professor, como peças fundamentais para que esse indivíduo se torne construtor de conhecimentos. Pensando nisso, selecionamos alunos do 3º ano do ensino médio, com a faixa etária entre 16 e 25 anos, por, possivelmente, já terem uma maturidade suficiente para fazerem leituras e se posicionarem criticamente diante delas.

Os alunos, aqui em questão, em sua maioria, são oriundos do interior, vindo para a cidade, para tentar terminar o ensino médio, pois de onde originam, as escolas param na 8ª série. Tentam também escapar das estatísticas que nos mostram a grande quantidade de jovens, em idade de fazer ensino médio, e que estão fora da escola. A maioria deles tem sonho de fazer uma graduação, muitos ainda não entendem os benefícios de estudar e muitos, sabem dos benefícios, tem vontade de continuar, mas voltarão para seus interiores, por não terem condições de saírem da cidade para buscar algo melhor, pois a nossa pequena cidade, não oferece nem um curso superior. Neste ano de 2014, a escola ofereceu duas turmas de terceiro ano, uma pela manhã e outra a tarde, somando um total de 58 alunos participantes. Os alunos responderam um questionário sócio-econômico, com o intuito de compreendermos como foi a base de leitura desses alunos. No resultado do questionário, percebemos algumas situações, como: no ponto onde foi perguntado sobre o gosto de ler, 95% respondeu que sim, que gosta de ler, mas no ponto onde perguntamos a frequência em que leem a opção mais votada, foi raramente. Onde podemos perceber uma incoerência, entre o gostar de ler e o ler de fato.

No decorrer do trabalho notou-se que a maioria dos alunos morou no interior da cidade, ou, se não tinham morado, já passaram uma temporada, em férias, passeios, fato que de alguma forma os deixaram bastantes confiantes com certa consciência em suas colocações em relação ao texto. Em contraponto, o que nos preocupou foi a falta de consciência e maturidade em relação à construção do seu próprio crescimento no processo educacional, no qual muitos ainda não percebem a necessidade de tomar para si o gosto pela leitura. O que é preocupante, pois todos estão em fase final da vida escolar, e o hábito da leitura só os ajudariam mais, em todos os contextos sociais inseridos, a conquistarem autonomia na sociedade, a qual é letrada, onde o gosto pela leitura e saber ler corretamente, lhes seria de grande valia.

7. *Do material escolhido para a prática*

O material aqui escolhido foi pensado no projeto maior: Literatura: recepção, memória e imagens de escola, orientado pela professora Josebel Fares, no grupo de pesquisa CUMA – Culturas e Memórias da Amazônia, que tem como objetivo de estudar mecanismos para restabelecer o valor da literatura brasileira de expressão amazônica em escolas do ensino fundamental, especificamente, na cidade de Curalinho- Marajó. Tendo como base as análises teóricas da estética da recepção. Busca-se também verificar com qual frequência é apresentado aos alunos a literatura amazônica, coetaneamente pretende-se traçar um perfil de como os estudantes, da rede pública de ensino, estão recebendo essas obras, e verificar a relação que fazem, a partir das vivências sociais, culturais da sua própria região. A priori, sabe-se que a prática da leitura de obras de autores amazônicos nas escolas do Pará

não é algo que se evidencie, pois o desconhecimento é tamanho, por parte dos alunos e de muitos professores, e restringe-se a um pequeno público de letrados. Esta situação só se modifica quando as obras são indicadas como leituras para os processos seletivos de acesso ao ensino superior, ou quando se implementam projetos com este fim. (FARES, 2013, p. 88)

Como o texto não gera apenas significados, mas condensa a memória cultural, busca-se a partir dos textos de autores amazônicos que abordam a questão da memória de escola, realizar a reconstrução do passado evocado neles, refletir sobre o presente estabelecendo uma ponte entre a memória expressa no texto e a realidade vivida entre os alunos que participarão deste projeto, Além disso, formular um desenho da Educação na Amazônia, com base no qual pretendemos fazer uma projeção da realidade futura da mesma e fomentar a valorização da literatura de expressão amazônica.

Com as turmas escolhidas e sujeitos afiadados fomos à prática. Pensamos que seria melhor ficarmos com duas turmas em horários distintos. O primeiro momento com as turmas escolhidas foi de apresentação, uma conversa informal sobre o quê e como iríamos proceder, em conjunto, como se daria o nosso cronograma de atividades e como faríamos o processo de registro da atividade. Ao falar em gravação e fotos todos sem exceção de turma ficaram apreensivos, aparentemente envergonhados, inicialmente fiquei apreensiva, temia que pudesse interferir no resultado futuro. Como o texto escolhido é de leitura rápida, dividi nosso cronograma em 6 horas/aulas de 45 minutos cada aula. Nos três primeiros tempos das aulas fiz o procedimento acima citado e logo após entreguei

um questionário de sondagem com o objetivo de verificar com que frequência eles leem, o que leem, para que serve um livro para eles entre outras. Em seguida dei para cada aluno, uma cópia do material, que seria trabalhado com eles; a primeira parte do material falava sobre a vida e obra da autora e segunda sobre a obra escolhida. Dando continuidade ao trabalho, comecei perguntando se eles já tinham lido algum autor paraense, todos, sem exceção, responderam que não e muito menos tinham ouvido falar em Eneida de Moraes

Começamos a conversar sobre a autora, falei da sua trajetória, de onde ela era, sobre o que aconteceu com ela, onde morou, quando nasceu e morreu. No final da aula, disponibilizei aos alunos um questionário socioeconômico para saber um pouco mais sobre eles. Ao término dessa etapa, pedi que os alunos levassem o texto para que fizessem a leitura primária em casa, em um lugar silencioso, calmo para que eles pudessem compreender, mas que não ficassem preocupados, se eles não conseguissem entender logo, pois iríamos ter outra oportunidade de leitura.

Nas três últimas aulas seguintes, conforme o combinado, começou-se a trabalhar, e como nem tudo é perfeito, percebemos que alguns alunos não tinham feito a tarefa. Resolvi colocar a turma em círculos, e fazermos primeiramente uma leitura silenciosa. Logo depois, fizemos uma leitura coletiva em voz alta. O passo seguinte foi dar início à atividade de intervenção a partir do entendimento individual para o coletivo. Para o momento das perguntas, antecipadamente preparei um questionário com mais ou menos contendo 15 perguntas, mas no decorrer da gravação algumas foram irrelevantes e outras foram surgindo, a partir das discussões, as questões foram positivas no sentido de nortear o trabalho.

8. *Análise do trabalho*

A partir desse momento, tentaremos fazer uma análise mais minuciosa da recepção literária do texto de Eneida, a partir das gravações feitas em sala de aula com os alunos do 3º ano do ensino médio. O intuito aqui é indicar detalhadamente os aspectos relevantes mais frequentes em suas falas. As transcrições aqui colocadas, não sofreram correções, sendo assim transcritas da maneira como os alunos se colocaram.

Impressões iniciais sobre a autora: em relação ao conhecimento do autor, nenhum aluno, sem exceção, conhecia a autora e tão pouco outro escritor paraense. Quase em coro responderam que não. Nesse ponto

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

já podemos perceber a ausência de trabalhos de leitura com textos amazônicos.

Em relação às perguntas das impressões iniciais sobre a obra, os alunos não sentiram dificuldades de leitura, em alguns momentos desconheciam algumas palavras, mas pelo que notei, não afetou o entendimento na leitura. Como podemos ver na resposta da A1/:

eu gostei, achei muito interessante a parte que ela fala, né do São João, de como era antigamente pra hoje, né? Lá no Rio de Janeiro que era muito barulhento, não tinha aquela... não viviam muito em família, pulavam fogueira...lá não tinha tudo isso...

Em relação ao local da narrativa, perguntamos onde se passava a história, e ao tipo de narrador encontrado no texto:

A1: dá pra entender bem.

A2: Ela fala do São João carioca e o outro momento é Belém... ela fala dos cheiros...

A1: narrador personagem...é a própria Eneida que escreve, ela fala muito de São João e de outros santos...

Ainda sobre o texto, perguntamos sobre a relação da autora com os santos:

A1: a relação dela com São João era mais...

A2: de Santo Antônio ela nunca precisou.

A3: eu acho assim, professora...que ela acreditava mais em São João, né? Ela tinha fé...ela acreditava mais em São João que pudesse ajudar ela...ela fala que foi o primeiro amor da vida dela...

A4: é porque ela convivia mais com São João desde a sua infância, ela diz que nunca amanheceu uma manhã de 24 de junho sem estar convivendo com ele...com São João...

A5: as histórias que ela ouvia desde criança e ela começava a acreditar...e dos outros não...nunca ouvia falar... é igual assim...os evangélicos, os que nascem, o pai e a mãe evangélicos, eles sempre ouvem falar em Jesus, em Deus, nos santos ele não acreditam, e acho que com ela foi assim...cresceu nesse mundo ouvindo falar de São João...

Sobre suas vivências e sobre o banho de cheiro descrito no texto, perguntamos se eles já tinham ouvido falar sobre os ingredientes desse banho, e se tiveram alguma oportunidade de tomá-lo:

A1: já... eu já usei perfume, a planta não conheço...

A2: Pathcholin...no meu interior tinha...agora vai começar a aparecer...

A3: *ah... é aquele negócio de quadrilha...*

Com o intuito de provocá-los a falar mais sobre suas lembranças, perguntamos sobre os sentidos usados pela autora, e se em algum momento de suas vidas pularam fogueira

A1: *a audição...*

A2: *não...o olfato, o cheiro...para que a gente sinta o cheiro...às vezes eu sinto o cheiro que me lembra quando eu era criança...*

A3: *comigo é cheiro de chuva.... eu lembro quando eu ia tomar banho na chuva, quando eu era criança...eu ficava mal...*

A4: *o perfume alma de flores eu lembro do meu avô que já morreu...aonde eu sinto eu lembro dele*

A1: *já. Aqui mesmo, mas e não pulei só vi...*

A2: *agora que não mesmo, que tudo isso tá acabando...por causa da nova geração...*

A3: *essa nova geração já não tá ligando pra cultura, os pais não incentivam e também alguns deles não passaram por isso...*

A4: *a internet...só quer saber da internet...querem outras coisas que é melhor do que pular quadrilha...*

A5: *mas esse negócio de fogueira, professora, pra outros estados tem...*

A: *mas nós estamos falando daqui...*

e essas perdas são negativas, porque tá perdendo identidade...um pouco...

Perguntamos se eles ainda percebem, no seu próprio município, se ainda apodemos encontrar algo que demonstre a identidade local, a cultura local:

A2: *aqui tem o festival do açaí, mas não é, mas como antigamente, não é a mesma coisa, antes tinha o cordão da borboleta...o boi...*

A2 *igual no texto, eles tinham a cultura deles, eles valorizavam a cultura, eles pulavam fogueira...valorizavam mesmo...e hoje não, eles não estão valorizando, eles estão perdendo aqui na cidade, não tem fogueira, ano passado não teve derrubada do mastro, barraquinha de pipoca...*

A3: *às vezes tem pouca comida típica... e hoje ainda tem a quadrilha, a comida e o bingo...*

Para fazer uma reflexão sobre o ato de lembrar, perguntamos se para eles isso faz bem:

A1: *faz... faz bem...resgatar...*

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A2: quando eu lembro da minha infância, só é coisa boa, naquele tempo era bom, quando eu era criança eu não fazia nada, hoje em dia é só problema...agora tem que arrumar a casa, fazer comida, tomar conta do namorado...

A3: eu ia muito pra casa do meu avô lá no interior, e andava de casco...

Na seguinte pergunta sobre as lembranças da autora e as coisas vividas por eles próprios, pergunto se tem algo parecido:

A1: mais ou menos...acho mais pro meus pais, talvez eles se lembrem mais...

A2: a minha mãe pulou fogueira no tempo dela...hoje não tem mais...

Perguntamos se o São João vivido por eles hoje, é bom:

A1: é...

A2: eu acho que antigamente era melhor...esse ano passado ficou bom...teve mais brincadeira, as pessoas, as pessoas já não sabem disso...hoje é só quadrilhas...os brinquedos...antes tinha a barquinha...

A3: hoje é só chapéu mexicano...a barquinha fica parada...

Vocês já tinham ouvido falar em Eneida de Moraes? Gostaram?

A1: ainda não, nem me tocava sobre os autores daqui do nosso estado, porque a gente pensa que é só de fora...

A2: eu gostei muito desse texto, bem simples de entender...

9. Algumas reflexões

Para um trabalho dessa natureza acredito não haver muitos pontos finais e conclusões fechadas, trago algumas reflexões acerca do que foi feito, e do que sentimos no decorrer dessa pequena parcela de contribuição a favor da literatura amazônica na escola. Acima de tudo está um interesse maior, ajudar, contribuir de alguma forma para a formação de um aluno leitor, que a partir de suas conclusões saiba compreender e fazer suas próprias críticas, convidar esse aluno a ir mais além de suas interpretações comuns, não é tarefa fácil, mas é possível. Podemos perceber nesse trabalho que realmente um texto tem lacunas para que o leitor possa assim fazer novas leituras, aqui, por exemplo, os leitores em quase todo os instantes, buscaram suas experiências vividas em seu contexto social ou familiar para interagir com a obra. Dessa forma é perceptível, certa intimidade entre leitor e obra, de maneira que em sua maioria os alunos leitores, passaram ou já ouviram falar sobre o que a autora rememora em sua crônica.

Como profissionais, por outro lado, temos que olhar com mais carinho para nossa prática e avaliarmos com seriedade, para que não sejamos meros sujeito “donos da verdade”, mas que deixemos nossas “verdades” serem abaladas, cutucadas para que tenhamos um pouco mais de consciência da nossa importância como colaboradores na construção de muitos outros novos leitores no mundo, “nós pensamos somente a partir daquilo que nos é lançado por outros [...] sem o outro não há sujeito”. (PETIT, 2008, p. 38, *apud* ROUXEL, 2013, p. 24)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES. Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BEZERRA. José Denis de Oliveira. *Literatura amazônica: para quê?* [Inédito].
- COUTINHO. Afrânio; COUTINHO. Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil: Introdução geral*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CULLER. Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad.: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- EAGLETON. Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad.: Waltesir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO. Humberto. *Lector in fábula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad.: Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- _____. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad.: Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FARES. Josebel Akel et al. *Texto e pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos*. Belém: Cultural CEJUP, 1992.
- _____. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. *Revista Cocar*, Belém, vol. 7, n. 13, p. 82-90, jan.-jul. 2013
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.
- GERALDI, João Wanderley; ALMEIDA, Milton José de. (Orgs.). *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- KLEIMAN. Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 14. ed. Campinas: Pontes, 2011.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

NUNES, Paulo. Literatura paraense existe. *Literatura no Amapá*. Disponível em: <<http://escritoresap.blogspot.com.br/2008/01/artigo-do-professor-paulo-nunes.html>>. Acesso em: 24-05-2014.

REIS, João Jorge. Não existe uma literatura Paraense? Disponível em: <<http://joaojorgereis.blogspot.com.br/2011/08/nao-existe-uma-literatura-paraense.html>>. Acesso em: 24-05-2014.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: _____. *Leitura de literatura da escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2004.